

**A IMPORTÂNCIA DO ENSINO-APRENDIZAGEM
DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)
PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
DO DEFICIENTE AUDITIVO**

Daisy Mara Moreira de Oliveira (UFS)
dayseoliveira01@hotmail.com

Derli Machado de Oliveira (UFS)
derli_machado@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A inclusão do deficiente físico em sociedade transcorreu num percurso histórico marcado por preconceitos e discriminações. Neste percurso, destacamos aqui os especiais surdos. A história relata que até o final do século XV, ainda não havia escolas especializadas para surdos na Europa, pois estes eram considerados incapazes de serem ensinados. Muitas famílias escondiam seus parentes surdos. Eram pessoas excluídas da sociedade, não podendo ter o direito de votar, casar-se e herdar propriedades.

Muitos surdos foram excluídos somente porque não falavam, o que mostra que, para os ouvintes, o problema maior não era a surdez propriamente dita, mas sim a falta da fala. Daquela época até hoje, ainda muitos ouvintes confundem a habilidade de falar com voz com a inteligência desta pessoa, embora a palavra “fala” esteja etimologicamente ligada ao verbo/pensamento/ação e não no simples fato de emitir sons articulados. (Felipe, 2007, p. 130)

No Brasil a primeira escola para surdos foi fundada em 1857, O Instituto dos Surdos-Mudos, hoje Instituto nacional da educação de Surdos – INES. Como se percebe no nome desta primeira escola, ainda usavam a nomenclatura surdo-mudo, pois havia uma confusão entre a habilidade de falar e da audição. Ainda hoje, vemos pessoas utilizando este termo por desconhecimento, pois sabemos que o surdo não tem nenhum comprometimento de fala, apenas na audição.

Em nossos dias as comunidades surdas no Brasil vêm se fortalecendo e lutando por seus direitos. Segundo Felipe (2007), atualmente existe mais de 100 entidades formadas pelos surdos como: escolas, institutos e outras instituições. Porém esta luta por direitos e

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

espaço na sociedade é algo que se conquista gradativamente através da informação à sociedade.

No percurso histórico utilizou-se de alguns métodos para o estímulo da fala. Aqui destacaremos o oralismo puro e o método bimodal. Este último chegou ao Brasil através do professor Heut a pedido de D. Pedro II. Os surdos resistiram a estes métodos prevalecendo em nossos dias à utilização da língua de sinais, por ser esta a maneira mais natural de comunicação entre eles. Sobre o oralismo, Quadros (1997, p. 26) registra a sua crítica:

Basicamente a proposta oralista fundamenta-se na “recuperação” da pessoa surda, chamada de “deficiente auditivo”. O oralismo enfatiza a língua oral em termos terapêuticos. O oralismo é considerado pelos estudiosos como uma imposição social de uma maioria linguística (os falantes das línguas orais) sobre uma minoria linguística sem expressão diante da comunidade de ouvinte (Os surdos).

Após a importante conquista dos surdos através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, em que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi reconhecida como a primeira língua do surdo, uma nova proposta educacional vem tomando força que é o bilinguismo, ou seja, o surdo utiliza a LIBRAS como sua primeira língua e o português como segunda, e esta na modalidade somente escrita.

Segundo Quadros (1997, p. 27), essa necessidade psicolinguística de uma pessoa utilizar o bilinguismo está relacionada à concepção de gramática Universal proposta por Chomsky, na qual afirma que toda pessoa tem um dispositivo de aquisição da linguagem e estes são ativados através de experiências positivas, e não negativas. Assim, a forma considerada positiva é a LIBRAS, por ser a mais aceita e espontânea nas comunidades surdas.

Esta introdução panorâmica do percurso histórico das comunidades surdas nos garante que a LIBRAS é de fundamental importância para o surdo e para a sua inserção em sociedade, cabendo a família, escola e sociedade o apoio e preparo para que esta inclusão aconteça de fato.

A escolha do tema do presente artigo se deu a partir de leituras de pesquisas de teóricos que abordavam o desenvolvimento cognitivo e comportamental da clientela surda na inclusão escolar, destacando a importância da língua de sinais na Educação Infantil, como

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

o papel da família e da escola como facilitadores na inclusão do surdo em sociedade.

Constatou-se que as crianças que chegavam o mais precocemente na escola, e que a família após descoberta da surdez se empenhava na comunicação em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), desenvolviam-se satisfatoriamente, mantendo um comportamento compatível com a idade, cognitivamente falando, e mantinham uma ótima interação intergrupar. Já as crianças que não se comunicavam através da LIBRAS, e que chegavam tardiamente na escola, em seu meio familiar e social, apresentavam alto grau de ansiedade, agitação e agressividade. Provavelmente por não manterem uma comunicação com o outro, sem entender ou se fazer entender. Ocasionalmente em algumas o isolamento, em outras a falta de concentração.

O que se pretende enfatizar neste artigo é a importância da Língua Brasileira de Sinais e sua utilização na Educação Infantil, a fim de que a criança surda o mais cedo possível tenha contato com esta língua, e que isso seja possível através do meio familiar e do acesso à escola, onde ela irá não só preparar e desenvolver na criança capacidades de comunicação com o mundo, bem como dar suporte à família, através da orientação e ensino da LIBRAS, visando uma comunicação saudável.

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA QUE UTILIZA A LÍNGUA DE SINAIS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA SURDA

Seria impossível discorrer sobre a importância da língua de sinais o mais precocemente possível na vida do sujeito surdo sem enfatizar a importância da família neste percurso, por ser esta a primeira instituição de socialização a que a pessoa está exposta, logo, o primeiro veículo em que ocorrerá a comunicação.

O maior número de conflito existente e que prejudica o desenvolvimento da criança surda é a carência ou falta de comunicação por parte da família. Comunicação esta que é estabelecida através de uma língua. Sobre a importância desta orientação à família, Bevilacqua afirma:

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O trabalho de orientação e de aconselhamento aos pais ou responsáveis pela criança deficiente auditiva é fundamental e decisivo para o sucesso de qualquer proposta educacional ou terapêutica... Por nossa experiência percebemos claramente, no decorrer do trabalho com as crianças deficientes auditivas, que quanto mais a família estiver envolvida e adequada, melhor prognóstico a criança terá. (Bevilacqua, 2000, p. 9)

Percebe-se assim a necessidade da família que recebe um membro surdo se dedicar ao estudo da língua de sinais para que possa interagir com este sujeito, pois toda a carga cultural é estabelecida através desta troca. Caso isso não ocorra certamente este indivíduo será prejudicado em todo o seu desenvolvimento.

Fernandez (2005) enfatiza que a aquisição da linguagem é intrínseca ao indivíduo, pois constatou em bebês, surdos e ouvintes, que aos três meses de idade ao iniciarem o balbúcio o fazem em duas modalidades, oral e sinalizada. Concluiu assim, que o desenvolvimento de uma ou de outra modalidade linguística será determinado a partir da exposição que terá a uma delas, ou seja, uma criança ouvinte exposta as duas modalidades desenvolverá ambas naturalmente, e que a criança surda só não desenvolve a oral pela própria limitação auditiva. Percebeu-se através desta constatação que a exposição o mais cedo possível à modalidade oral-auditiva para o ouvinte, e a língua de sinais para as crianças surdas possibilitará um desenvolvimento maturacional da língua. A autora alerta para o perigo de privar a criança surda de sua língua materna quando diz:

Apenas o domínio de uma língua adquirida em sua totalidade e fluência permite ao ser humano a captação dos signos, a produção de novos signos, da combinação entre signos e novos sentidos para os signos em jogo, não apenas no processo de comunicação como no processo cognitivo. Admitir tais recursos instrumentais em uma criança surda privada de língua de sinais, como sua primeira língua, e apenas aprendiz da língua portuguesa equivale a desconhecer os caminhos básicos da aquisição de uma língua e, conseqüentemente, privá-la de seu direito a ter à disposição os caminhos naturais a seu desenvolvimento. (Fernandez, 2005, p. 19)

Como nós ouvintes que aprendemos o Português, nossa L1, no convívio familiar, sem nenhuma sistematização, da mesma maneira o surdo irá adquirir a LIBRAS. Nesse sentido é que temos percebido através da observação que as famílias de surdos que por desinformação ou por falta de oportunidade, não têm o conhecimento da língua, passam a comunicar-se com o surdo através de mímicas, atribuindo à escola a tarefa de transmissão desta língua e de novos

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

conhecimentos. Porém, segundo Rinaldi (1997), o papel da família nestes primeiros anos de vida é fundamental para que o indivíduo se desenvolva como um todo - cognitivamente, físico e psicologicamente, e isso se dará através da base de conhecimentos e experiências transmitidas pela sociedade, a família ou outro meio em que o indivíduo esteja inserido. Oferecer a complementação à ação familiar é papel da escola. Assim

A criança portadora de deficiência auditiva não adquire a linguagem de modo natural, como acontece com a pessoa ouvinte, porque um fator biológico (audição) ou ambiental se encontra afetado.

A família e o contexto educacional em que essa criança está inserida podem proporcionar o potencial dos seus fatores biopsicobiológicos remanescentes. (Rinaldi, 1997, p. 45)

A relevância da atuação educacional e familiar como favorecedores do desenvolvimento do sujeito surdo no apoio de uma comunicação por meio da língua de sinais é fundamental em todo o processo de desenvolvimento deste indivíduo quer no seu desenvolvimento cognitivo, como no social. Porém o que se constata na realidade é que as duas instituições, familiar e escolar, vêm falhando em sua atuação quer seja por desconhecimento ou por negligência. O que veremos a seguir.

CONHECENDO A LIBRAS

Muitas pessoas por desinformação pensam que a língua de sinais é composta por gestos que tem como finalidade a interpretação da língua oral. Porém os pesquisadores linguistas atribuíram a LIBRAS o status de língua por entenderem que esta apresenta características semelhantes às outras línguas, como as diferenças regionais, sócio-culturais e sua própria estrutura gramatical bem elaborada. Por exemplo, o que denominamos na língua oral como “palavra”, ou item lexical, em LIBRAS é denominado de “sinal”. Como toda língua, a LIBRAS também não é estática. Acontecem mudanças, como aumento de vocabulário ou mudança de algum sinal, quando a comunidade que o utiliza assim concorda em fazê-lo.

Para melhor entendermos sobre a Língua Brasileira de Sinais, é necessário conhecermos a importância da Língua Materna, ou L1.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

A língua materna é aquela que o sujeito aprende em contato com o meio social (familiar, comunidade em geral). É a primeira língua a que o sujeito tem acesso, ou seja, no caso de ouvintes brasileiros, o português, para os surdos a LIBRAS. A aquisição dessa língua materna, denominada pelos linguistas de L1, é fundamental para que o indivíduo possa adquirir novos conhecimentos através da interação com o outro, Costa (2003) diz que:

A melhor forma de desenvolvermos a linguagem é interagindo com os outros, pois a comunicação é a finalidade primeira da linguagem. Na interlocução enriquecemos o nosso léxico, aprimoramos a nossa capacidade de compreensão ao procurarmos entender o outro, e somos obrigados a organizar constantemente nosso pensamento a fim de sermos compreendidos. Ao mesmo tempo, entramos em contato com novos conceitos e termos a oportunidade de explicar nossas dúvidas. Uma vez que a linguagem se realiza através de uma língua (qualquer que seja sua natureza: fala, língua de sinais), o domínio desta é especial para a aprendizagem de uma pessoa.

Sendo o ser humano dotado da capacidade de desenvolver a linguagem, ou seja, de se comunicar através de um sistema de signos-língua, e a da importância que esta linguagem tem para a aquisição do conhecimento/leitura de mundo, é que enfatizamos a necessidade de que o surdo desde a mais tenra idade esteja em contato com a L1, e conviva em meio social que utilize esta língua, favorecendo o seu conhecimento de mundo e desenvolvimento cognitivo-psicológico ajustado, com bem coloca Rinaldi:

O que é importante frisar é que a estruturação linguístico-cognitiva veiculada por uma língua natural, só é possível ocorrer de forma natural para surdos se for por meio de uma língua espacial-visual. Essa estrutura é justamente, em termos linguísticos, aquilo que permite o que Paulo Freire chamou de “Leitura de mundo”, que segundo ele, antecede a leitura da palavra. Se não houver uma leitura de mundo, não haverá compreensão e produção de texto. Sem um apoio de uma língua materna, não haverá estruturação linguístico-cognitiva acima mencionada. Para surdo, o Português falado dificilmente será sua língua materna naturalmente adquirida. (Rinaldi, 1997, p.156)

O que se pode observar é que a maioria das famílias que possui um membro surdo não procura se informar e aprender a comunicar-se em LIBRAS, e tampouco a escola tem oferecido intérprete de língua de sinais em sala de aula, ou mesmo capacitado seus professores com cursos de aprendizado desta língua. O que provoca uma grande evasão escolar por parte dos surdos que perdem o interesse

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

pela escola, alegando não conseguirem interagir com colegas e professores, conseqüentemente não adquirirão o conhecimento necessário para a sua formação.

No Estado de Sergipe, local desta pesquisa, percebeu-se que o número de surdos que conseguiram chegar à faculdade não chega a 10 indivíduos. Entendemos que este fato ocorre devido às desistências e desestímulos destes no decorrer de sua trajetória escolar pelo não uso de sua L1.

CONCLUSÃO

Souza (2005), pesquisadora na área de deficiências no Estado de Sergipe, em seu livro *Educação Especial em Sergipe*, constatou que em 11 dos 73 municípios do Estado concentram-se um maior número de deficientes. E que em todo o estado foi constatado 11.626 deficientes. Destes, 80,10% no interior do Estado, e 19,90% encontram-se na capital. Do número total de deficiências 15,34% são de surdos que moram na capital, e 15,73% no interior.

Embora na pesquisa observa-se um número razoável de indivíduos surdos, identificamos apenas uma escola no Estado que oferece um ensino bilíngue na Educação Infantil, e esta é uma ONG. Em Aracaju temos duas escolas públicas (uma estadual e outra municipal) que ofertam intérprete de língua de sinais, mas não em tempo integral, além disto, os alunos surdos têm o que chamam de sala de recurso, ou seja, o educando fica em sala de aula sem intérprete; logo, sem adquirir nenhum conhecimento, ou seja, quatro horas de aula, e em período contrário ao horário escolar frequenta esta sala de recurso que possui um professor com domínio de sua língua.

No embasamento desta pesquisa, além dos teóricos citados, utilizamos questionários com os surdos da Capital, num total de 40 participantes, na faixa etária de 14 à 30 anos. As perguntas elaboradas tinha como finalidade entender a dimensão da importância do ensino da LIBRAS na vida destes indivíduos, no auxílio de uma comunicação que favorecesse além do desenvolvimento escolar e conseqüentemente seu conhecimento de mundo, a sua inclusão social.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Constatou-se que do número total dos participantes da pesquisa, 100% só tiveram o seu primeiro contato com a LIBRAS após os sete anos de idade. Fator que influenciou negativamente em seu desenvolvimento cognitivo, logo, todos se encontravam fora da faixa etária que corresponderia ao ano de escolaridade.

Dos 40 participantes, 7 se encontravam fora da escola, atribuíam o fato ao desestímulo pela falta de comunicação em sala com o professor e colegas, por não terem intérprete em sala e por perda de interesse já que não conseguiam aprender nada que estava sendo repassado. Os 33 restantes se encontravam inseridos no sistema escolar e por terem professores que se comunicavam em língua de sinais sentiam-se motivados em prosseguir os estudos. Por ordem de preferência a LIBRAS era fundamental primeiramente para a comunicação entre surdos, depois para a compreensão das matérias escolares e por último na comunicação com o ouvinte. Esta última classificação não por preconceito ao ouvinte, mas porque serem os ouvintes que se dedicam ao aprendizado da LIBRAS, e pela própria busca do surdo em fortalecer a sua cultura, por isso buscam seus pares.

Diante da exposição do fato da importância da LIBRAS para o ajuste psicossocial e cognitivo do surdo e sua inclusão em sociedade é que destacamos a relevância do presente artigo, como fortalecimento da língua e cultura do surdo, contribuindo com os diversos artigos existentes que tratam do tema inclusão.

Em segundo lugar, a importância desta pesquisa se constata através da estatística que mostra que o público alvo em questão é em número considerável no Estado de Sergipe, e por isso carece de uma pesquisa aprofundada a fim de que incentive toda a sociedade a conhecer melhor esta cultura e língua, passando a respeitá-los na conquista de seus direitos e deveres.

Em terceiro lugar, o tema abordado é destaque na atualidade, pois muito se fala sobre a importância da inclusão social dos deficientes nas áreas socioeducacional e trabalhista, porém percebe-se que ainda há um longo percurso a conquistar, a fim de que este grupo minoritário alcance respeito e lugar em nossa sociedade. Isto se constata através da pouca literatura na área específica da surdez. Daí a necessidade de que haja mais pesquisa e que se produza mais literatura nesta área, podendo melhor informar ao público ouvinte e

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

conscientizá-lo do importante papel da inclusão social do surdo, proporcionado entre estes dois mundos (ouvintes e surdos) uma integração através da comunicação na sua língua materna.

REFERÊNCIAS

BIVILACQUA, Maria Cecília. *Audiologia Educacional: uma opção terapêutica para criança deficiente auditiva*. 3ª ed. Carapicuíba: Pró-Fono. 2000.

COSTA, Dóris Anita Freire. *Fracasso escolar: Diferença ou deficiência?* Psicopedagogia On-line, São Paulo. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas>. Out. 2003

FELIPE, Tanya A. *LIBRAS em contexto: Curso básico: Livro do estudante*. 8ª ed. Rio de Janeiro: WalPrint, 2007.

FERNADEZ, Eulália (Org.). *Surdez e bilinguismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

RINALDI, Giuseppe (Compilador). *Educação especial, deficiência auditiva*. Brasília: Mec/ Unesco, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e interprete de sinais e língua portuguesa*. Secretaria de educação especial: programa Nacional de apoio à Educação do Surdo: Brasília: MEC; SEEP, 2004.

———. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SOUZA, Rita de cássia Santos. *Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descanso, lutas, dores e conquistas*. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2005.